

Caracterização da estrutura produtiva do dendê. Valença, Bahia, Brasil.

Roberto Rodrigues Novais Júnior, Mônica de Moura Pires, Andréa da Silva Gomes y Abel Rebouças São José.

Cita:

Roberto Rodrigues Novais Júnior, Mônica de Moura Pires, Andréa da Silva Gomes y Abel Rebouças São José (Agosto, 2009). *Caracterização da estrutura produtiva do dendê. Valença, Bahia, Brasil. XXVII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/cirujanoplastico/4>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/p3zT/BVQ>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Caracterização da estrutura produtiva do dendê

Valença, Bahia, Brasil

Roberto Rodrigues Novais Júnior

Economista,

Universidade Estadual de Santa Cruz UESC

betonovais@yahoo.com.br

Mônica de Moura Pires

Moema Maria Badaró Cartibani Midlej

Professora Titular Departamento de Ciências Econômicas,

Universidade Estadual de Santa Cruz UESC

mpires@uesc.br

moema@uesc.br

Andréa da Silva Gomes

Patrícia Lopes Rosado

Professora Titular Departamento de Ciências Econômicas,

Universidade Estadual de Santa Cruz UESC

asgomesbr@yahoo.com.br

patriciarosado@yahoo.com.br

Abel Rebouças São José

Professor titular Departamento de Fitotecnia e Zootecnia,

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

abelsaojose@gmail.com

RESUMO

O agronegócio dendê, ao longo do tempo, tem-se tornado uma atividade importante no processo de desenvolvimento da economia da região denominada Baixo Sul da Bahia, Brasil. Normalmente, o dendezeiro produz frutos durante todo o ano. O óleo oriundo desses frutos é utilizado como

matéria-prima em diversos setores da indústria. Recentemente, outro mercado destino para essa oleaginosa tem sido o de biodiesel. A região objeto desse estudo destaca-se em nível estadual e nacional, em função das condições edafoclimáticas favoráveis ao seu cultivo. Atualmente, medidas do governo têm estimulado a expansão e renovação da lavoura, a partir da introdução de variedades com maiores índices de produtividade em substituição a material genético não melhorado que predomina nos estabelecimentos agrários locais. Nesse contexto, este trabalho analisa a estrutura de produção e comercialização de dendê, tomando-se como área de referência o município de Valença, em função de que essa localidade constitui-se no centro de comercialização dos municípios circunvizinhos, bem como pela participação na produção estadual e pela presença de indústrias de beneficiamento do fruto. Para caracterizar a estrutura produtiva foi feito levantamento de dados primários, a partir de entrevistas junto aos produtores e intermediários locais e secundários. As informações foram submetidas à estatística descritiva. De acordo com as informações obtidas, verifica-se que na cadeia produtiva de dendê a tipologia predominante de produtor é familiar ou pequeno, ficando submetido a uma estrutura oligopsonista, pois os preços, geralmente são determinados pela indústria. Constata-se que poucos são os produtores que participam de associações ou cooperativas. Dessa forma, o acesso a manejos mais adequados de plantio e colheita são difíceis, mesmo com a presença de instituições de assistência técnica. O resultado dessa situação é que a qualidade dos frutos, muitas vezes, não é adequada para a produção de determinados produtos e, o produtor acaba tendo sua remuneração afetada pela ocorrência de tal fato. Assim, medidas de política que propiciem a estruturação do mercado local podem minimizar os impactos da estrutura de comercialização, aplicando as oportunidades locais e criando condições para que o produtor amplie sua participação no mercado, o que deverá expandir a economia local e permitir atingir melhores índices de desenvolvimento econômico regional.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, grande parte da produção de dendê é oriunda de áreas de espécies subespontâneas. Na região Sul da Bahia, predominava nos séculos XVI até meados do XVII, a cana-de-açúcar e exploração de madeiras. Essas atividades propiciaram a expansão populacional e demanda por produtos para sobrevivência das famílias. Assim, foram criadas vias de acesso ao interior para o Baixo Sul, como Cairu e Valença, levando ao processo de ocupação da terra. Posteriormente, foram introduzidas mudas de algodão, café e cacau, onde o cacau se tornou o produto economicamente mais importante da região, mudando a dinâmica produtiva local. As peculiaridades regionais

permitiram a introdução de outros cultivos como: dendê, cravo-da-índia, seringueira e coco (FISCHER, 2007).

Do dendezeiro utilizam-se frutos, cachos vazios dos frutos, cascas da amêndoa e tronco. Do fruto, aproveita-se a polpa e se extrai o óleo de dendê (palma), utilizado na indústria alimentícia, farmacêutica e química. Da amêndoa retira-se o óleo de palmiste que possui grande valor comercial e é matéria-prima na indústria alimentícia, oleoquímica e cosmética. Os cachos vazios e as cascas das amêndoas, resíduos da extração do óleo, podem ser fontes de energia para caldeiras. Os troncos quando derrubados podem ser transformados em móveis (ABOISSA, 2006).

No Brasil, a demanda por dendê tem-se ampliado especialmente para produção de biodiesel, dado que o índice de produtividade é comparativamente superior a outras oleaginosas como soja, algodão, etc. e pelo estímulo do Programa Brasileiro de Biodiesel.

Na Bahia, a produção localiza-se na Região Baixo Sul, onde o dendê tem importante impacto na economia local, que é relativamente diversificada. Nessa região, existem quatro indústrias beneficiadoras: Luzipalma, Oldesa, Opalma e Mutupiranga, unidades artesanais e mecanizadas que utilizam pilões ou roldões para beneficiamento do produto. Em 2007, a área plantada representou 52% da área total do Brasil, respondendo por 15% da produção nacional (IBGE, 2009).

Essa região possui condições edafoclimáticas favoráveis para os policultivos, sendo os mais relevantes: cacau, cravo da índia, pimenta do reino, piaçava, borracha, mandioca, abacaxi, entre outras. Pela proximidade à região litorânea, o turismo e a produção de mariscos e crustáceos são também atividades econômicas potenciais.

A potencialidade da produção de dendê da Região Baixo Sul é expressa pela participação na produção, tanto em termos estadual como nacional. Valença se destaca como centro comercial, constituindo-se no núcleo mais dinâmico de desenvolvimento local da região. Nesse contexto, toma-se como referência para análise do dendê esse município, dada sua representatividade, quase 30% do total da produção estadual em 2006 (IBGE, 2009), tornando-se relevante compreender a dinâmica de comercialização, identificando os fatores que influenciam na sua capacidade produtiva e de expansão, e impactos sobre o desenvolvimento local.

2 O MERCADO DE DENDÊ

A produção mundial tem crescido nas últimas quatro décadas, e no sudeste asiático estão os principais produtores. Em 2006, a Malásia produziu 42,51% da produção mundial, Indonésia 36,59% e Tailândia 3,71%. Na África Ocidental, se destacam Nigéria com 4,72% do total mundial, seguida de Gana e Costa do Marfim. Na América, a Colômbia se destaca, ocupando a quinta posição no cenário mundial. Equador, Honduras, Costa Rica, Guatemala e Brasil são, nessa ordem, produtores relevantes, de acordo com a FAO (2009).

No mercado mundial de óleo de dendê, Indonésia e Malásia se destacam (FAO, 2009). Os países da África Ocidental também são importantes produtores, muito embora o crescimento da produção seja menos acelerado comparativamente ao sudeste asiático. Na América, a Colômbia é atualmente é o maior produtor, seguido do Equador, Honduras, Brasil e Costa Rica.

A evolução, em termos mundiais, da área plantada comparativamente à produção de frutos e de óleo, mostra expansão acentuada, especialmente nas últimas duas décadas, resultante de forte crescimento do consumo mundial por óleo de dendê, de palmiste e derivados¹, especialmente a partir de 1999.

No Brasil verifica-se expansão da produção de dendê ao longo de 16 anos em quase 131% (IBGE, 2009), porém em ritmo descontínuo, pois entre 1998 e 2002 houve queda, retornando ritmo ascendente em 2001, quando se expande de forma acelerada comparativamente a períodos anteriores, decorrente da expansão da área plantada entre 2001 e 2006. Em certa medida, esse aumento da produção está associado ao aumento da demanda, principalmente como matéria-prima para a indústria alimentícia (óleo de dendê sem gordura trans) e para o mercado de combustíveis renováveis. O rendimento físico da planta também cresceu em função de mudanças tecnológicas, tornando mais eficiente a produção.

As exportações brasileiras de óleo de dendê têm decrescido, tornando a participação do país no mercado internacional pouco relevante. Ademais, os principais países produtores e exportadores possuem menores custos de produção, constituindo-se em barreira à exportação do produto

¹ A FAO utiliza a denominação Palm nuts-kernel se referindo ao azeite de dendê e óleo de palmiste, bem como produtos transformados, que foram convertidos em produtos primários equivalentes, em função da sua energia calórica ou conteúdo.

nacional. Porém, a demanda do mercado interno é superior à oferta doméstica, assim o país necessita importar para compensar o déficit de produção. Nesse contexto, é importante expandir a produção doméstica a fim de dinamizar o mercado local. De acordo com a indústria de beneficiamento, o custo do produto importado é inferior ao doméstico em função da carga tributária do país.

A produção brasileira concentra-se nas regiões Norte e Nordeste, sendo o Pará e a Bahia, as principais regiões produtoras (IBGE, 2009). Inicialmente os cultivos concentravam-se na Bahia e somente na década de 1960 é que foram implantados os primeiros cultivos no Pará (CONAB, 2006). Nessa região os plantios se expandiram rapidamente e na década de 1990, o Pará respondia por quase 61% da produção nacional, atingindo em 2006, mais de 85%. Por outro lado, a produção baiana se estagna em torno de 150 mil toneladas, e pouco cresce ao longo do tempo.

As áreas produtivas com dendê, na Bahia, concentram-se nas mesorregiões Metropolitana de Salvador e Sul Baiano, sendo que a segunda possui produção mais relevante. A Região Baixo Sul da Bahia, inserida no Sul Baiano, especialmente o município de Valença, se destaca, mesmo assim a estrutura de produção e comercialização dos municípios pertencentes a essa região se assemelha fortemente.

4 METODOLOGIA

A base desse estudo é a metodologia Análise de Diagnóstico de Sistemas Agrários, conforme Dufumier (1996) e trabalho da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), baseado em Dufumier.

Para analisar a estrutura de mercado do dendê na Bahia tomou-se como referência o município de Valença pela sua especificidade e relevância, maior área plantada e produção, duas das quatro indústrias de beneficiamento de dendê da região (Oldesa - Óleo de Dendê S.A e Luzipalma extração de óleo vegetal Ltda) encontram-se instaladas no município.

Foi feita pesquisa de campo, período de 15 a 30 de novembro de 2007, junto aos produtores locais e agentes de comercialização a fim de compreender o fluxo e canais de comercialização do dendê, a dinâmica do mercado e o grau de intermediação. Utilizou-se de amostragem não probabilística dirigida.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Valença caracteriza-se como centro comercial da Região Baixo Sul da Bahia, influenciando fortemente os municípios circunvizinhos nos mais variados aspectos (econômico, político e social). A agricultura é a mais relevante fonte de renda da economia local, constituindo-se no principal pilar do desenvolvimento. O dendê ocupa a maior área e é a mais relevante em termos de produção.

No município foram identificados três agentes envolvidos na comercialização de dendê: produtores, intermediários e indústrias de beneficiamento. A maioria das propriedades possui áreas inferiores a 50 hectares (70%), em que predomina os plantios de dendê, mas também estão presentes outras lavouras como: cacau, cravo-da-índia, guaraná e pimenta-do-reino, que são cultivadas para complementar a renda. A variedade mais comum de dendê é o Dura, no entanto 30% dos entrevistados introduziram a variedade Tenera, mais produtiva. A produtividade média do município está em torno de 4 T/ha, enquanto no Pará está em torno de 16 T/ha.

As unidades de produção são caracteristicamente capitalistas. Muitos produtores adotam o sistema de parceria (são os meeiros) em suas propriedades, sendo que da renda gerada, 50% são destinadas ao proprietário da terra e 50% para o meeiro. Essa parceria é utilizada, segundo os proprietários, para “fugir” das obrigações trabalhistas e aumentar a produtividade da lavoura.

Para beneficiar o dendê, 70% dos produtores utilizam do sistema de roldões (unidade artesanal ou mecanizada para extração do azeite de dendê), sendo que parte da mão-de-obra empregada na operação de beneficiamento é assalariada e parte é contratada (diarista). Para transportar os cachos de dendê em coco para a unidade de beneficiamento os produtores utilizam veículo ou animais. Os produtores que não possuem roldões vendem o dendê para as unidades de beneficiamento local ou para produtores que possuem roldão. Assim, quanto menos capitalizado o produtor, maior é o nível de intermediação e menores são os ganhos com a atividade.

Ao longo do tempo, houve transformações da estrutura de beneficiamento do dendê; inicialmente eram utilizados pilões para extrair o óleo, posteriormente foram introduzidos os roldões com tração animal, que significou importante mudança na estrutura de comercialização, e mais recentemente alguns produtores passaram a utilizar máquinas (uma prensa que faz a operação de extração do óleo) que operam de forma semelhante à adotada pela indústria local.

As empresas de transformação de dendê estão instaladas no município há muito tempo, a Oldesa que está há mais de 45 anos no município e a Luzipalma há 20 anos. A Oldesa, com a expansão da empresa, transferiu a matriz para o município de Nazaré, sendo que a unidade de Valença tem a função de comprar o dendê *in natura*, produzir o óleo, que segue com os coquilhos sem casca para a matriz. A Luzipalma, é uma empresa de pequeno porte, que faz o beneficiamento do óleo de palmiste. Toda matéria-prima é adquirida dos produtores ou intermediários locais.

A primeira etapa da comercialização ocorre pela venda direta do dendê *in natura* para empresas beneficiadoras ou intermediários (Gráfico 1). O grau de intermediação depende da distância entre as unidades de produção agrícola e as indústrias ou roldões, e dos contratos (formais ou informais) estabelecidos entre produtores e compradores, pois os produtores têm que entregar o produto nas unidades de beneficiamento. Se possuem veículo eles entregam diretamente, quando não, vendem sua produção a intermediários ou a outros produtores. Essas relações definem o preço que o produtor receberá pelo dendê, pois está associado a esse custo de transação. Normalmente os produtores ficam submetidos às condições de preço das empresas beneficiadoras, pois estas possuem maior poder de barganha, constituindo-se em estrutura oligopsonista nessa etapa da comercialização. No período pesquisado, pagava-se pela tonelada do fruto R\$ 180,00, mas os produtores que não possuíam meios de transportar sua produção para o beneficiador acabavam recebendo o valor de R\$ 150,00/T, essa diferença referia-se aos custos da intermediação.

Os cachos de dendê são cortados de segunda a quarta-feira, transportados em animais até a rodovia principal (Valença-Taperoá) e depositado à margem, ou para os roldões. Normalmente a rotina de compra dos intermediários dos roldões ocorre de quarta a sexta-feira. Ao longo de todo o ano essas operações se repetem, com maior ou menor frequência dependendo das condições de mercado. Após a coleta, o produto segue para as unidades de beneficiamento. Na empresa Oldesa, a produção de óleo segue para a matriz. No período de entressafra a empresa compra de 20 a 30 T/mês, na safra entre 500 a 700 T/mês, obtendo, respectivamente, aproximadamente 14 T e 100 T/óleo. Os sete roldões instalados no município, compraram em novembro (mês da pesquisa), aproximadamente 800 toneladas, originando cerca de 3.500 latas de 17 litros de óleo de dendê. A maior parte do azeite de dendê destina-se às feira-livres mais próximas, principalmente a Feira de São Joaquim em Salvador, mercados locais (Feira de Santana, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus) e Recife.

O óleo é extraído da polpa e o coquilha é separado e vendido às empresas de beneficiamento que produzem o óleo de palmiste e o de dendê. A Oldesa compra o coquilha dos proprietários de roldões e intermediários, cabendo ao intermediário os custos de transporte até as unidades de

beneficiamento. A Luzipalma compra o coquilho diretamente do produtor ou de intermediários e, normalmente o pagamento é antecipado estabelecendo um vínculo (contrato informal) para assegurar matéria-prima ao longo de todo o ano, o que a leva a operar com eficiência produtiva. Do óleo de palmiste produzido pela Luzipalma, 40% seguem para empresa do grupo (Kidendê) para produzir sabão, os 60% restantes vão para empresas de coméstico sediadas em Valença, Feira de Santana e Salvador. O preço do óleo de palmiste atingiu R\$ 3,00/kg. As cascas do coquilho são utilizadas para produção de carvão ativado ou para geração de energia em caldeiras e a torta do palmiste para ração animal.

As unidades de beneficiamento apontam como principal problema do dendê local a qualidade dos frutos, pois a sua exposição ao ambiente natural elevam os índices de acidez do óleo, implicando em menores preços no mercado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da região Sul Baiana está atrelado fortemente às atividades agrícolas, e nesse contexto a dendeicultura revela-se com forte potencialidade em função de suas características, produção extensiva e déficit da oferta interna. Esses fatores constituem-se em estímulos à expansão nos mais diversos segmentos que compõem a cadeia produtiva de dendê baiano.

A comercialização de dendê em Valença está relativamente estruturada quanto ao beneficiamento, no entanto, o grau de competição é fraco o que afeta diretamente o preço recebido pelo produtor e, conseqüentemente a sua renda.

A introdução dos roldões em algumas propriedades propiciou melhor poder de barganha para esses produtores, minimizando os impactos de um mercado fortemente oligopsonista. Porém, aqueles que não possuem roldão mantêm forte dependência aos intermediários, o que implica em menor apropriação da renda gerada na atividade comparativamente aos produtores mais capitalizados.

A reduzida inserção do produtor no processo de comercialização resulta em perdas para o restante da cadeia produtiva. Primeiramente, o produtor descapitalizado passa a não adotar as melhores técnicas e manejo na lavoura, armazenam inadequadamente o produto o que afeta a qualidade do dendê e é um desestímulo para continuidade na atividade. Em segundo lugar, a falta de

perspectivas de ampliação da lavoura com variedades comerciais limita o investimento e a ampliação da cadeia.

Atualmente, discute-se o uso do dendê como matéria-prima no mercado de biodiesel. Mas para os produtores o problema está na fixação de um preço mínimo que estimule a expansão da produção. Nesse sentido, a associação de produtores, juntamente com uma mudança das técnicas de cultivo e processamento poderá propiciar a expansão do setor produtivo, e um melhor encadeamento das atividades que envolvem a produção e o processamento do fruto, gerando ganhos para os diversos agentes envolvidos. Assim, a “economia recebida por herança”, pode transformar o dendê em empreendimento gerador de ganhos de escala e impulsionar o desenvolvimento da Região do Baixo Sul da Bahia, propiciando sustentabilidade para os agricultores locais.

Referências

- ABOISSA ÓLEOS VEGETAIS. Cultura - Dendê. São Paulo: 2006. Disponível em: <http://www.aboissa.com.br/culturadende/cdende8.htm>. Acesso em: 19 nov. 2006.
- CONAB – COMPANHIA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO. Dendeicultura da Bahia. Bahia: 2006. Disponível em: http://www.conab.gov.br/conabweb/download/sureg/BA/dendeicultura_na_bahia.pdf. Acesso em: 20 mar. 2007.
- DUFUMIER, Marc. Les projets de développement agricole: manuel d'expertise. Paris: Centre Technique de Coopération Agricole et Rurale-CTA et Karthala, 1996. 354 p.
- FAO. Food and agriculture organization of the United Nations. Statistical Databases. Disponível em: http://www.fao.org/waicent/portal/statistics_en.asp. Acesso em: 15 mar. 2009.
- FISCHER, Fernando (Org.). Baixo Sul da Bahia: uma proposta de desenvolvimento territorial. Salvador: Centro Interdisciplinar de Gestão Social, 2007, 226 p. Disponível em: http://www.gestaosocial.org.br/conteudo/quemsomos/serie-editorial-ciags/ba_ixosul.pdf. Acesso em: 10 out. 2007.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção Agrícola Municipal. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp>. Acesso em: 10 abr. 2009.
- SANTOS FILHO, J. M. dos. Potencial de produção de oleaginosas: mamona e dendê. Salvador: CPE, 1981. 158 p.

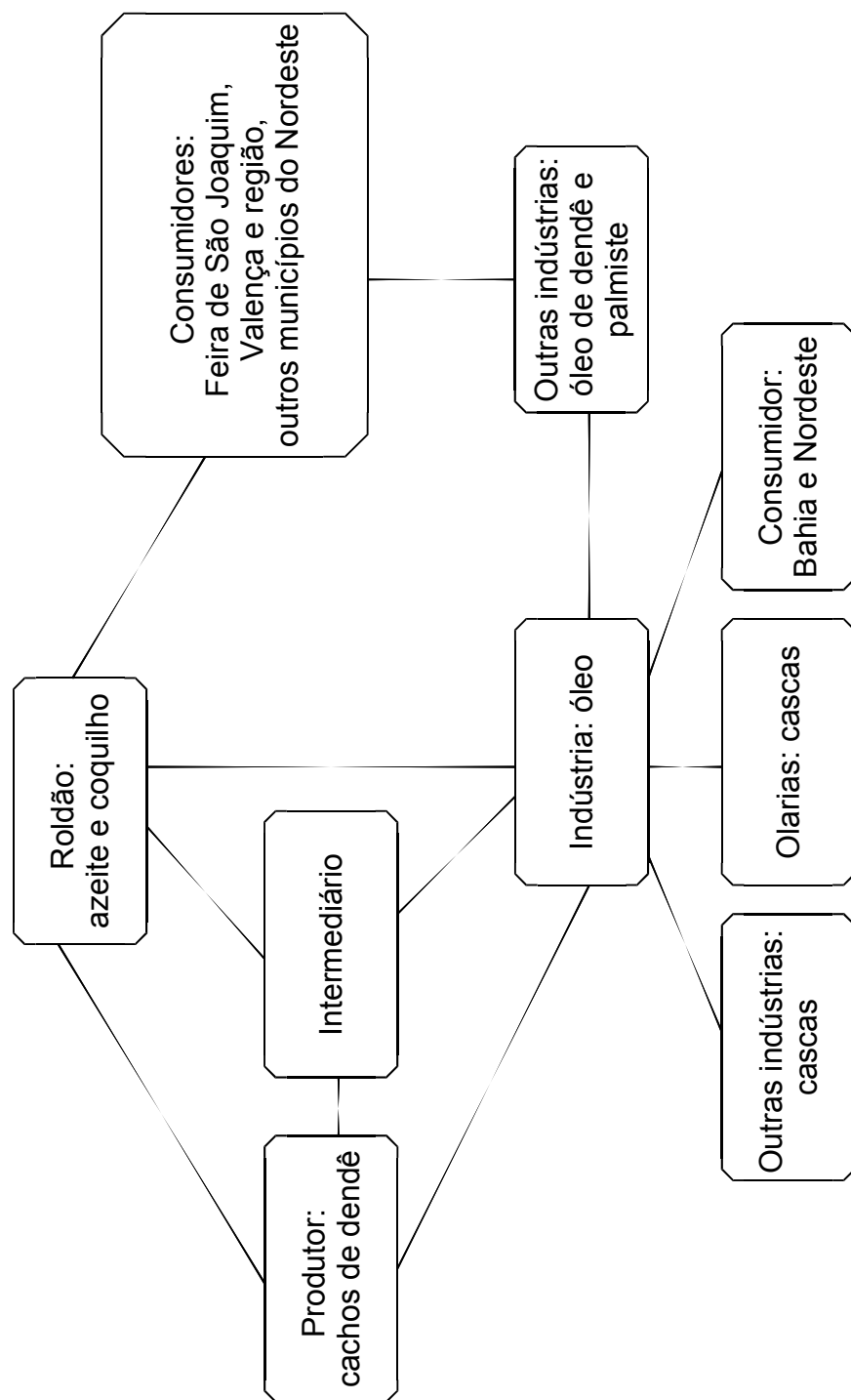


Gráfico 1 – Canais de comercialização do dendê, Valença, Bahia, 2007.